



Roteiro de estudos para recuperação final

Disciplina:	Literatura
Professor (a):	Elizete

Conteúdo:	Intertextualidade, Classicismo, Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo
Referência para estudo:	Apostila Volume 1 – Frente B – Capítulos 1 e 2
Sites recomendados:	www.soliteratura.com.br www.literaturabrasileira.net www.literaturanobrasil.com.br www.lol.pro.br
Atividade avaliativa:	

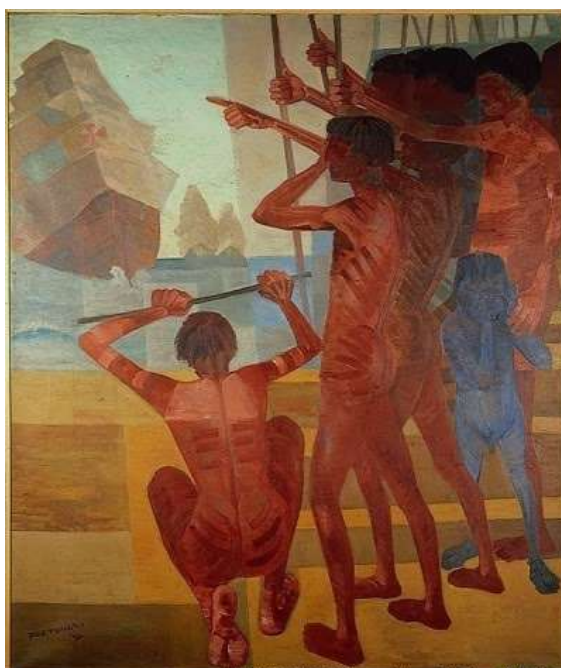
Questão 01

TEXTO I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. "A carta de Pero Vaz de Caminha". Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

TEXTO II



PORTINARI, C. O Descobrimento do Brasil, 1956.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que:

- a) a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- b) a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- c) a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- d) as duas produções, embora usem linguagens diferentes — verbal e não verbal —, cumprem a mesma função social e artística.
- e) a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

Questão 02 – LXXVIII (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser fermosa;

Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:

Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

CAMÕES, L. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.



SANZIO, R. (1483-1520). A mulher com o unicórnio. Roma, Galleria Borghese.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- a) apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- b) valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoa e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- c) apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- d) desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- e) apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

Questão 03 – Leia, abaixo, o fragmento da *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gândavo, para responder à questão.

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à cristandade, e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que nenhuma outra coisa haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela bárbara gente que habita nestas partes ao lume e ao conhecimento da nossa santa fé católica, que será descobrir-lhe outras minas maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja, para glória sua, e salvação de tantas almas.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. Org. Ricardo Martins Valle. Introd. e notas Ricardo Martins Valle e Clara Carolina Souza Santos. São Paulo: Hedra, 2008. p. 115.

A leitura atenta do texto permite afirmar que

- a) nos textos de informação estavam consorciados o projeto de exploração das novas terras descobertas e o de difusão da fé cristã.
- b) o autor julga desinteressante a perspectiva de exploração mercantil do Brasil, preferindo a ela o projeto de difusão da fé cristã.
- c) o autor condena os homens ambiciosos e interesseiros, que preferem a exploração mercantil ao projeto abnegado de difusão da fé cristã.
- d) o autor condena a hipocrisia dos que afirmam empreender em nome da fé cristã, mas que apenas se interessam pelas “grandes minas” a descobrir.
- e) havia discrepância e dissenso entre o projeto de exploração das novas terras descobertas e o de difusão da fé cristã.

Questão 04 – Gregório de Matos, poeta baiano, que viveu no século XVI, produziu uma poesia em que satiriza a sociedade de seu tempo. Execrado no passado por seus conterrâneos, hoje é reconhecido como grande poeta, sendo, inclusive, sua poesia satírica fonte de pesquisa histórica.

Leia os poemas e analise as proposições a seguir:

Poema I

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrada,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote
(Gregório de Matos)

Poema II

Horas contando, numerando instantes,
Os sentidos à dor, e à glória atentos,
Cuidados cobro, acuso pensamentos,
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?
Quem sustentou tão vários sentimentos?
Pois para a glória excedem de tormentos,
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embaraça;
Porém quando um com outro mais porfia,
O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando a fantasia,
Mas sempre com vantagem na desgraça,
Horas de inferno, instantes de alegria.

(Gregório de Matos)

- I. Além de poeta satírico, o Boca do Inferno também cultivou a poesia lírica, composta por temas diversificados, pois nos legou uma lírica amorosa, erótica e religiosa e até de reflexão sobre o sofrimento, a exemplo do poema II.
- II. Considerado tanto poeta cultista quanto conceptista, o autor baiano revela criatividade e capacidade de improvisar, segundo comprovam os versos do poema I, em que realiza a crítica à situação econômica da Bahia, dirigida, na época, por Antônio Luís da Câmara Coutinho.
- III. Em *Triste Bahia*, poema I, musicado por Caetano Veloso, Gregório de Matos identifica-se com a cidade, ao relacionar a situação de decadência em que se encontram tanto ele quanto a cidade onde vive. O poema abandona o tom de zombaria, atenuando a sátira contundente para tornar-se um quase lamento.
- IV. Os dois poemas são sonetos, forma fixa herdada do Classicismo, muito pouco utilizada pelo poeta baiano, que desprezou a métrica rígida e criou poesia em versos brancos e livres.
- V. Como poeta barroco, fez uso consciente dos recursos estéticos reveladores do conflito do homem da época, como se faz presente na antítese que encerra o II poema: “Horas de inferno, instantes de alegria”.

Estão CORRETAS apenas

- a) I, II, III e V.
- b) I, II e IV.
- c) IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) I, IV e V.

Questão 05 – Leia o trecho do Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, do Padre Antônio Vieira, e o soneto de Gregório de Matos Guerra a seguir.

Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda

Pede razão Jó a Deus, e tem muita razão de a pedir responde por ele o mesmo santo que o arguiu – porque se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Jó tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: Peccavi, quid faciam tibi? Como se dissera: Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse e quis dizer mais: Peccavi, quid faciam tibi? Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Jó, a Deus em pecar? Não lhe fiz pouco, porque lhe dei ocasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça que me fizer, e ele dever-me-á a mim, como a ocasião, a glória que alcançar.

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada:
Cobrai-a, e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Assinale a alternativa correta a respeito dos textos.

- a) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, elogiam a autoridade divina capaz de perdoar os pecados, mesmo que à custa de sua glória e de seu discernimento.
- b) Jó, de acordo com Vieira, argumenta que há tanta glória em perdoar como em não perdoar, enquanto, para Gregório, o perdão concedido ao pecador renitente é a prova da glória de Deus.
- c) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, inibem a autoridade divina que se vê constrangida a aceitar os argumentos de dois pecadores.
- d) Jó, de acordo com Vieira, considera que a ocasião e a sorte impediram que a graça divina se manifestasse, enquanto para Gregório a graça divina não sofre restrições.
- e) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, reforçam seus argumentos a favor do perdão como garantia da glória divina.

Questão 06

TEXTO A

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, a noite -
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.

TEXTO B

Canto de regresso à Pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase tem mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita
Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que eu veja a rua 15
E o progresso de São Paulo.

ANDRADE, O. Cadernos de poesia do aluno Oswald. São Paulo: Círculo do Livro. s/d.

Os textos A e B, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que:

- a) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, é o tom de que se revestem os dois textos.
- b) a exaltação da natureza é a principal característica do texto B, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto A.
- c) o texto B aborda o tema da nação, como o texto A, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- d) o texto B, em oposição ao texto A, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- e) ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

Texto para as questões 07 a 08

Arcadismo: expressão artística da burguesia

Como expressão artística da burguesia, o Arcadismo identifica-se com as ideias da Ilustração e as veicula sob a forma de valores que se opõem ao tipo de vida levado pelas cortes aristocráticas e à arte que consumiam, o Barroco.

Daí a idealização da vida natural, em oposição à vida urbana; a humildade, em oposição aos gastos exorbitantes da nobreza; o racionalismo, em oposição à fé, a linguagem simples e direta, em oposição à linguagem complexa e elitista do Barroco. Esses valores artísticos e culturais assumiram no contexto da sociedade europeia do século XVIII um significado de clara contestação política, pois evidenciavam os privilégios e a vida luxuosa da nobreza e do clero.

Engajado no processo de luta ideológica e política que levaria a burguesia ao poder em 1789, o Arcadismo pode ser visto, sob o ponto de vista ideológico, como uma arte revolucionária. Contudo, do ponto de vista estético, é uma arte conservadora, pois ainda se liga aos modelos clássicos, tanto tempo cultivados pelas cortes aristocráticas.

Somente no século XIX, após a Revolução Francesa, é que se verá a verdadeira revolução burguesa na literatura, como o surgimento do Romantismo.

Simplicidade: protesto contra a aristocracia

Você já se perguntou sobre a origem de certos modismos e de certas “tribos urbanas”, como a dos punks, dos metaleiros e dos amantes do rap e do funk? Porque essas tribos precisam se vestir de uma forma especial, ouvir os mesmos discos e usar o mesmo tipo de linguagem?

Quase sempre, essa é uma forma de identificação entre pessoas que têm afinidades. Mas não é só isso. Esse grupo representa uma ideologia, um conjunto de valores e de ideias, que, normalmente, se contrapõem à ideologia vigente. Um jovem, ao rapar parte do cabelo, ou de pintá-los de verde, deseja, de alguma forma, chocar e agredir os valores sociais que julga conservadores. É uma forma particular e ao mesmo tempo grupal de protesto.

No século XVIII, a maior parte dos escritores árcades eram burgueses, gente de dinheiro. Apesar disso, árcades era burgueses, gente de dinheiro. Apesar disso, idealizaram uma forma de vida simples, como meio de contestar os valores da aristocracia – a nobreza e o alto clero –, que tinha uma vida de luxo e esbanjamento.

Com base nos textos “Arcadismo: expressão artística da burguesia” e “Simplicidade: protesto contra a aristocracia”, responda:

Questão 07 – Por que a idealização árcade de uma vida simples e natural equivalia a um grito de protesto feito pela burguesia?

Questão 08 – Embora o Arcadismo fosse ideologicamente uma arte revolucionária, por que não o era do ponto de vista estético?

TEXTO I	TEXTO II
<p>QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI ERRADO, E QUERENDO EMENDÁ-LO O TEM POR EMPRESA DIFICULTOSA</p> <p>Carregado de mim ando no mundo, E o grande peso embarga-me as passadas, Que como ando por vias desusadas, Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.</p> <p>O remédio será seguir o imundo Caminho, onde dos mais vejo as pisadas, Que as bestas andam juntas mais ornadas, Do que anda só o engenho mais profundo</p> <p>Não é fácil viver entre os insanos, Erra, quem presumir, que sabe tudo, Se o atalho não soube dos seus danos.</p> <p>O prudente varão há de ser mudo, Que é melhor neste mundo o mar de enganos, Ser louco c'os demais, que ser sisudo.</p> <p>(MATOS, Gregório de. <i>Os homens bons: A musa praguejadora</i>. In: <i>Obras completas de Gregório de Matos (Crônica do viver baiano seiscentista)</i>. Salvador: Janaína, 1968. 7 vols. p. 442, v. II. Ortografia atualizada.)</p>	<p>RENÚNCIA</p> <p>Chora de manso e no íntimo... Procura Curtir sem queixa o mal que te crucia: O mundo é sem piedade e até riria Da tua inconsolável amargura.</p> <p>Só a dor enobrece e é grande e é pura. Aprende a amá-la que a amarás um dia. Então ela será tua alegria, E será, ela só, tua ventura...</p> <p>A vida é vã como a sombra que passa... Sofre sereno e d'alma sobranceira, Sem um grito sequer, tua desgraça.</p> <p>Encerra em ti tua tristeza inteira. E pede humildemente a Deus que a faça Tua doce e constante companheira...</p> <p>Teresópolis, 1906</p> <p>(BANDEIRA, Manuel. <i>A cinza das horas</i>. In: _____ <i>Poesia completa e prosa</i>. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. p. 151.)</p>

Questão 09

- Os quartetos de Gregório de Matos propõem um problema e uma solução. Explícite-os sem copiar do texto.
- A que se refere a renúncia do eu-lírico no texto II?

Questão 10 – Em que aspecto se assemelham as conclusões dos poemas de Gregório de Matos (texto I) e Manuel Bandeira (texto II)?

Texto III	Texto IV
<p>SONETO DO EPITÁFIO</p>	<p>LEMBRANÇAS DE MORRER</p>
<p>Lá quando em mim perder a humanidade Mais um daqueles, que não fazem falta, Verbi-gratia — o teólogo, o peralta, Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade:</p>	<p>Quando em meu peito rebentar-se a fibra, Que o espírito enlaça à dor vivente, Não derramem por mim nem uma lágrima Em pálpebra demente.</p>
<p>Não quero funeral comunidade, Que engrole "sub-venites" em voz alta; Pingados gatarrões, gente de malta, Eu também vos dispenso a caridade:</p>	<p>E nem desfolhem na matéria impura A flor do vale que adormece ao vento: Não quero que uma nota de alegria Se cale por meu triste passamento.</p>
<p>Mas quando ferrugenta enxada edosa Sepulcro me cavar em ermo outeiro, Lavre-me este epitáfio mão piedosa:</p>	<p>Eu deixo a vida como deixa o tédio Do deserto, o poento caminheiro - Como as horas de um longo pesadelo Que se desfaz ao dobre de um sineiro;</p>
<p>"Aqui dorme Bocage, o putanheiro; Passou vida folgada, e milagrosa; Cameu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro".</p>	<p>Como o desterro de minh'alma errante, Onde o fogo insensato a consumia: Só levo uma saudade — é desses tempos Que amorosa ilusão embelecia.</p>
<p>(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. In: LAJOLO, Marisa. (Org.) <i>Literatura Comentada: Bocage</i>. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 91. Ortografia atualizada.)</p>	<p>[...]</p>
	<p>Descansem o meu leito solitário Na floresta dos homens esquecida, À sombra de uma cruz, e escrevam nela: Foi poeta — sonhou — e amou na vida.</p>
	<p>Sombras do vale, noites da montanha Que minha alma cantou e amava tanto, Protegei o meu corpo abandonado, E no silêncio derramai-lhe canto!</p>
	<p>Mas quando preludia ave d'aurora E quando à meia-noite o céu repousa, Arvoredos do bosque, abri os ramos. Deixai a lua pratear-me a lousa!</p>
	<p>(AZEVEDO, Álvares de. <i>Lira dos Vinte anos</i>. In: <i>Obra completa</i>. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 188-189.)</p>

Questão 11 – Com base nos textos III e IV, responda:

- Quais são as características do soneto de Bocage (texto III) que nos permitem identificá-lo como satírico?
- Os poemas de Bocage (texto III) e Álvares de Azevedo (texto IV) tratam diferentemente do mesmo tema. Identifique esse tema e explicita as maneiras como cada autor o trata, relacionando-as com o contexto de época.

Questão 12 – **Mãos Dadas**

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Toda noite - tem auroras,
Raios - toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.

Castro Alves. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 212

- a) O fragmento de Castro Alves e o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentam verbos no modo imperativo: “ Moços, creiamos, não tarda” (v.3) “ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.” (v.7) Justifique o emprego do imperativo, correlacionando as semelhanças temáticas entre os versos destacados.
- b) Explique, com frases completas, que características da poesia socialmente engajada do Romantismo estão presentes no texto de Castro Alves e no de Carlos Drummond de Andrade.

VERIFICAR FOLHA DE RESOLUÇÃO EM SEGUIDA



FOLHA DE RESOLUÇÃO: Roteiro de estudos para recuperação final

Disciplina:	Literatura
Professor (a):	Elizete
Aluno (a):	
Turma:	

GABARITO – PROIBIDO RASURAS/ QUESTÕES FECHADAS

Nº 01	Nº 02	Nº 03	Nº 04	Nº 05	Nº 06

QUESTÕES ABERTAS

Nº 07	
Nº 08	
Nº 09	
Nº 10	
Nº 11	
Nº 12	